

O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

No meu primeiro artigo apresentei algumas considerações que me pareciam necessárias para esclarecer o terreno da discussão, sendo que ellas emanavam de um pensamento do meu antagonista e que eu julgo ter explicado e reforçado com argumentos.

Ainda que eu não possa demorar-me na apreciação de cada facto que surge no estudo do conjuncto, procurarei syntheticamente dizer o que penso relativamente a esta complexa manifestação da psychologia humana — a poesia.

Se houvesse tempo eu daria uma direcção ainda mais elevada á discussão que creio ser de magna importancia.

Porém, em todo caso, irei estudando o que me parecer mais urgente, reservando para outra occasião o desenvolvimento das idéas expendidas n'esta discussão.

Engenio Veron, no seu livro *L'Esthétique*, diz: « E' difficil imaginar uma poesia que possua um encanto mais humano, mais sincero que a de Alfredo de Musset. Por este lado parece que ella excede a toda a comparação. Porém, quando se approxima a de Victor Hugo, sente-se logo que lhe falta alguma cousa, que é precisamente a elevação do espirito.

« A poesia de Victor Hugo adquire, só pela grandeza do pensamento, uma superioridade immensa. Musset deve agradar mais áquelles que procuram sobretudo na poesia este deleite que os dilettantes consideram voluntariamente como o fim supremo de todas as artes; não se pôde ler Victor Hugo sem que á admiração pela obra se ajunte a alegria íntima e profunda de achar no poeta um pensador preso a todos os problemas que interessam a humanidade. As idéas, em summa, têm a sua poesia como os sentimentos, não ha razão para que a arte esqueça esta fonte de emoção. »

Esta observação do illustre critico francez satisfaz inteiramente.

E' preciso comprehendel-a.

Todos os poetas que têm querido transformar o caracter e a natureza da poesia, têm depreciado o seu valor, tornando-a fraca, sem animação, sem emoções fortes, sem vida, sem movimento.

E' intoleravel a poesia dos poetas scientificos.

Introduzir a sciencia na poesia, é o mesmo que introduzir a poesia na sciencia. A introdução de um elemento d'aquella ordem na factura do verso, a experiencia tem demonstrado ser improficua e de uma insipidez a roçar pelo comico.

A poesia deverá ser o resultado de alguma cousa, como o jogo das faculdades especiaes do artista, que augmenta na proporção do sentimento que elle transmite á obra, e da maior generalidade que elle attinge pelo aperfeiçoamento d'estas mesmas faculdades.

A especialisação d'estas faculdades é por sua vez uma consequencia ainda. Todo o aperfeiçoamento suppõe uma co-relação.

Este mutuo auxilio prestado pelas faculdades agentes, elevando-se, dá á obra de arte um valor indiscutivel.

Portanto, é logico que a accumulção de idéas colhidas pela experiencia do seculo, isto é, as leis descobertas, o que quer dizer ainda, o universo comprehendido, impõe-nos uma conducta superior e independente, que vem reflectir-se, por uma reacção expontanea no mundo moral.

Uma lei physica descoberta corresponde a uma mutação de estados de consciencia, a uma direcção do espirito toda diversa.

Se assim é, o movimento scientifico do

seculo XIX accentuará a poesia, modifica-la-á.

Porém é preciso que se comprehenda que a poesia necessita sobretudo de liberdade. O poeta hade cantar sempre o que for digno de ser cantado.

O poeta moderno, que conhece todas as transformações porque tem passado o espirito religioso, que o apanha desde o seu inicio, como facto social; que reconhece o accordo que elle fixou entre a vida domestica e a vida publica, distendendo a concepção da nacionalidade e produzindo a creença na unificação das idéas; que fez de cada homem uma fonte de emoções, de entusiasmo, de actividade, de abnegação; que o ergueu assim á altura da humanidade, porque não poderá cantar e exprimir em seus versos tudo quanto sentiram e pensaram as civilizações extintas, tudo quanto sentio o assyrio, tudo quanto pensou o israelita?

Que mais bello do que se reproduzir hoje, com o nosso modo de ver e de cantar, os bellos trechos daquella poesia que envolve os mysterios das lendas arabes, d'aquella poesia alegre, vivificante do iranniano, irmão dos Aryas da India e dos Aryas que povoaram a Europa, e que se conhecem hoje pelo nome de Indo-germanos ou Indo-europeus? Aquelle povo não tem pontifices, não tem templos.

Organisou-se segundo os preceitos da egualdade; tem a dignidade do homem livre, mas não tem o orgulho dos povos decadentes. O pai de familia — eis a autoridade suprema. — A sua religião é a mais bella de todas, funda-se neste bello pensamento de Zoroastro: « Quem confia boas sementes á terra é maior que aquelle que faz dez mil sacrificios. »

O passado é a maior fonte de inspiração, porque é o repositório de todas as nossas alegrias e de todas as nossas saudades.

E o que eleva a poesia, o que a engrandece, o que a torna verdadeiramente digna d'esse nome, é este sentimento inexprimivel, esta emoção sentida, que se traduz por uma reminiscencia vaga, nebulosa, de uma serie de quadros que o poeta não viu, mas que sente que alguém viu por elle. E' a grande corrente das emoções transmittindo-se, é a herança dos que morreram, as idéas e as paixões de outras epochas, reflectindo-se sobre o caracter de cada um, e subordinando-o ao influxo subjectivo do passado.

Sim, o desenvolvimento scientifico modificará a poesia, porque lhe proporciona mais vastos horizontes, porque não restringe a sua esphera de acção, porque não põe péas aos seus movimentos.

O que tornou grande a poesia das raças antigas foi a faculdade de invenção. Da mythologia nasceu a arte de poetar de todos os povos da antiguidade.

Foi um esforço, foi ainda mais, foi uma necessidade.

Os homens queriam explicar todos os phenomenos.

A mythologia foi um accordo entre a natureza humana e a sua fé religiosa. Explicou tudo pela ficção; inventou. Eis a sua grandeza.

A primeira concepção humana deveria ter uma origem anthropomorphica. Nesta faculdade de invenção, de onde resultou a actividade psychica dos antigos, é que está a sua superioridade.

Perdemos esta faculdade, diz Veron, d'ahi a nossa inferioridade poetica.

Comparando a poesia antiga com a poesia moderna elle assignala como principal differença a natureza do espirito de uma em opposição directa ao espirito de outra. Provem de uma ignorancia psychologica, como elle diz.

Os primeiros homens viam por toda parte imagens em vez de idéas, e nada possuíam que não fosse tirado da realidade visivel. Obdeciam a esta lei. D'ahi a sua inferioridade intellectual.

Para resumir: a poesia tinha a sua força nas impressões procuradas pelo homem no mundo exterior. Era profundamente ficticia, falsa, mas estando em perfeita harmonia com o grão de conhecimentos d'aquelles povos.

Na poesia tentavam a explicação dos phenomenos que necessitavam ser explicados.

Reduzindo tudo a manifestações de uma causa divina, de que o Universo era uma consequencia, resultou d'ahi uma poesia fluctuante, confusa, objectiva. Suas emoções, suas idéas, suas obras, enfim todas as modalidades do talento e do caracter traziam o cunho d'essas ficções que elles creavam diante da natureza variavel dos phenomenos que attrahiam a sua attenção e que os levavam a imaginar para cada effeito uma causa e a por em acção as bellas energias da sua imaginação graciosa e rica.

No proximo numero, apreciando a natureza da imaginação moderna, eu encetarei o estudo do poeta que me trouxe a campo e que deve ser discutido não de uma maneira aggressiva, injusta e descortez, como pretende o *Diario Liberal*, mas segundo o modo de proceder da critica moderna — seriamente, scientificamente.

LUIZ MURAT.

GERMINAL ✓

II

— Em que consiste o desvio de que accusa o autor do *Germinial*?

Esta pergunta que me fazem os amigos, obriga-me a responder-lhes, insistindo mais profundamente sobre a these já por mim reproduzida algures contra o chefe do realismo.

O desvio consiste em um pessimismo, que forma toda a medula de seus livros. Este é talvez inconsciente. A perversidade está simplesmente em elle procurar a todo transe exercel-a, como arma de combate, pestiferando toda uma atmospheria intellectual; e por infelicidade a exerce com o mais perfeito conhecimento de causa, com um superior talento de politico. Basta ler os seus livros intitulados: *Mes haines*, *Une campagne*, *Les documents littéraires*, e comparal-os com os seus romances para reconhecer-se que existem dois Zolas muito distinctos. Um fundamental, filho de Taine, fortalecido pelos processos do mestre; outro revolucionario, polemista, constituido chefe de bando, procurando atacar os inimigos pessoases, nutrido odios implacaveis, illudindo os discipulos aqui, fazendo concessões acola ás suas exigencias partidarias, mas em ultima analyse, conseguindo manter o mando em todo o seu vigor; o Zola enfim, que pouco caso faz do que diz, pela transitoriedade d'essas mesmas blasphemias *sanguennes*.

Não é d'este que me occupo; sim do primeiro que é o Zola que me interessa — o da *Faute de Vabé Mourlet*, de algumas scenas da *Curée* e da ultima parte do *Germinial*.

Sabem todos o que existe de suggestivo no methodo de Taine. Abusando-se um pouco do vocabulario poder-se-hia até afirmar que este critico nao passa de um romancista psychologo *manqué*. A sua theoria do caracter predominante, junta a uma analyse pacientemente systematica, é o melhor methodo que conheço para obter-se as situações e os elementos necessarios a um romance realista. Quem quizer apreender-o é só folhear as *Notas sobre a In-*